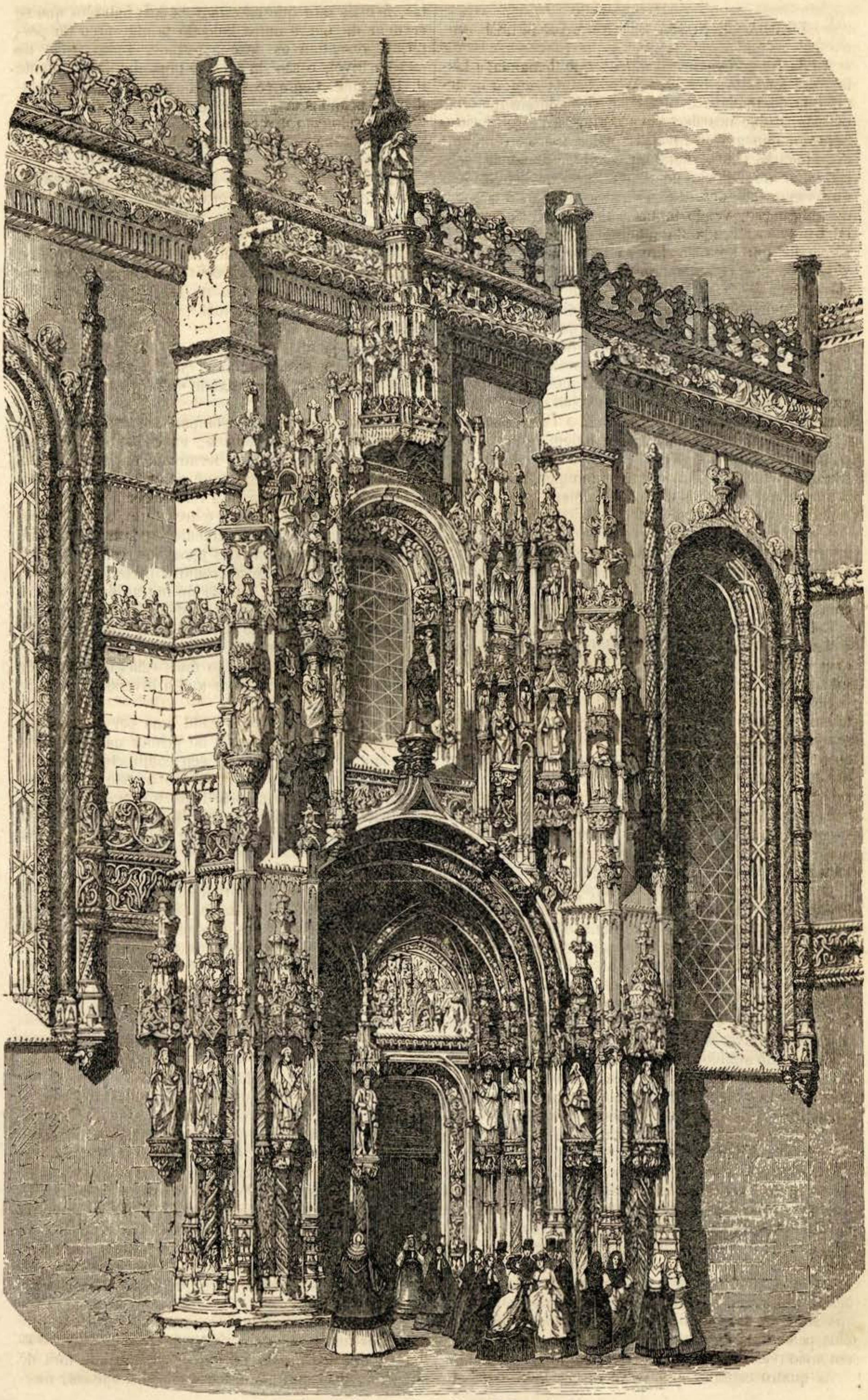


Grande portal da egreja de Nossa Senhora de Belem

EGREJA DE NOSSA SENHORA DE BELEM

Ainda ha pouco, o estrangeiro que demandava Lisboa era forçado a ler logo ás portas da capital o cartaz que denunciava a nossa barbaridade em materias de arte, e que nos declarava indignos d'esse glorioso passado, que moveu invejas a todas as nações do globo. Ainda ha pouco, nenhum escriptor nacional poderia fallar do edificio de Santa Maria de Belem, sem que viesse afoguear-lhe as faces um justo assomo de indignação, vendo tantas e taes affrontas cuspidas na fronte veneranda do monumento erigido em memoria de um feito celebre na historia dos povos civilisados, em commemoração do descobrimento da carreira da India.

Hoje, felizmente, graças á patriotica iniciativa de um homem distincto pelo talento e pela perseverança de seu esforço, nem os estranhos nos acoimarão de barbaros ao entrar no Tejo, nem os nacionaes se envergonharão, apontando-lhes para áquelle monumento artistico, onde estão symbolisadas todas as glorias de Portugal no reinado de D. Manuel, o *Venturoso*.

O mosteiro de Santa Maria de Belem, que a architectura gothica, nos seus devaneios caprichosos, tão singularmente adornou; e que os monges, no seu desprezo da arte, e depois d'elles os homens que lhes succederam na administração do edificio, alteraram, obstruiram e emplastraram com ridiculos remendos e miseraveis accrescentamentos; esse typo formoso da alliança de diversos estilos architectonicos, acha-se, finalmente, em via de restauração completa, e dirigida com acerto e intelligencia.

Cabe ao digno par do reino, o sr. José Maria Eugenio de Almeida, na sua qualidade de provedor da Casa Pia, o titulo honroso de restaurador do monumento manuelino.

Desafogados d'esta expansão de alegria, depois de tantas lastimas nossas, vendo alfim attendido o que sempre reputámos uma verdadeira exigencia do decoro nacional, uma imperiosa prescripção do logar que pretendemos occupar entre as nações cultas; descarregados d'este tributo de gratidão a quem assim nos vae livrando d'aquelle antigo desdoiro publico, consagraremos algumas palavras ao magnifico portal que nos suggeriu estas considerações, e se vê representado na gravura da primeira pagina.

Como os nossos leitores sabem, pelo que dissemos a paginas 35 do vol. VII, não é esta a porta principal do sumptuoso templo de Santa Maria de Belem. Todavia, é a que o architecto mais enriqueceu e aformoseou. Está voltada para o sul, e abre-se em meio da parede do corpo da egreja, do lado da epistola.

É formado este portal por um grande arco de volta inteira mui alto e largo, e curiosamente lavrado com miudeza de lavores. Dentro d'elle formam-se dois arcos de ponto subido, ou ogivaes, adornados com cinco estatuas, e dois quadros de baixo relêvo, além de outros variados lavores. É n'estes dois arcos que estão as portas do templo. No pilar que as divide, servindo de apoio aos dois arcos, avulta a estatua do infante D. Henrique, duque de Vizeu, illustre iniciador dos descobrimentos dos portuguezes. A estatua é mais pequena que o natural; está collocada sobre uma columna que se encosta ao pilar, e faz-lhe docel um baldaquino rendilhado. O principe está vestido de arnez, grevas e cotas de armas, apoiando a mão direita na espada.

Os arcos onde se abrem as duas portas, são de volta achatada, e muito mais baixa que a ogiva dos arcos superiores, sendo occupados os espaços intermedios pelos dois quadros acima referidos, cujas figuras em meio relêvo representam factos do novo testamento.

As quatro estatuas que se vêem aos lados das portas, e mais oito que adornam os dois botarêos que se erguem de um e outro lado do grande arco do portal, representam os doze apostolos. Todas estão no mesmo nivel, e são do mesmo tamanho da do infante D. Henrique. Como se vê na d'este principe, servem-lhes de peanhas delgadas columnas com seus capiteis, tudo lavrado com diversidade de desenhos, tendo cada uma por cobertura seu baldaquino, todo vasado em delicadas rendas.

Sobre o remate do arco principal do portico eleva-se magestosamente uma grande estatua da Virgem, com a invocação de Nossa Senhora dos Reis, ou de Belem, que é o orago do templo. Está desaffrontada a imagem, pois que lhe fica nas costas uma janella, formada por varios arcos de volta inteira, com graciosas esculpturas, abertos no grosso da parede. Decoram a janella duas estatuas pequenas, mettidas em nichos.

Sobre a janella levanta-se e resalta da parede um grande e formoso baldaquino, que faz docel á imagem de Nossa Senhora, rematando com a estatua do archanjo S. Miguel.

Os dois botarêos que acompanham o portal sobem a toda a altura da fachada, excedendo-a até, pois que as pyramides em que terminam elevam-se muito acima da renda de pedra que coroa o edificio. Posto que fossem construidos para robustecer aquella fachada, por tal arte os decorou o architecto, que mais parecem fabricados para ornamento da frontaria. Assim pois, além das estatuas dos apostolos, com mais obra de esculptura, que lhe adornam a parte inferior, são guarnecidos junto da janella de outras doze estatuas de santos, de vulto inteiro, collocadas em duas ordens, sobre peanhas de variado lavor e cobertas por brincados baldaquinos.

Aos lados do portal estão duas esbeltas frestas ou janellas, ornamentadas com muita diversidade de silvados e brutescos.

As estatuas, analysadas cada uma per si, carecem de correcção no desenho, e de primor na esculptura. Entretanto, consideradas no seu conjuncto, como decoração principal do portico, dão a este muita magestade, offerecendo á vista bello e grandioso effeito; ao qual accresce ainda o aspecto venerando que lhe provém da côr tostada da pedra pelo embate de tres seculos e meio.

A nossa gravura, copiada de uma photographia, foi tambem publicada nos jornaes francezes *Le Tour du Monde* e *Magasin Pittoresque*. Citando estas duas bellas publicações sentimos verdadeiro prazer, pois que vemos já os jornaes estrangeiros tratarem-nos com mais justiça, e occuparem-se de vez em quando, e dignamente, com os monumentos que nos fazem honra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

THERESINHA

(CONTO)

Manuel Garrido dos Calveiros era um provinciano abastado, que morava para as bandas da Ameixieira. Lembro-me de o ter conhecido quando ha dez annos estive por aquelles sitios. Era viuvo, e tinha um filho, rapaz affavel e até sympathico, de vinte e seis annos, pouco mais ou menos, cujo maior defeito era pensar que as *horas de preguiça* valiam mais que muitas horas lidadas na escripturação do livro mestre. Tirando isto, Pedro era o que se costuma chamar um bom rapaz.

Succedeu que para uma casa mystica á da familia Calveiros foram passar o verão de 1855 a viuva e filha de um dos nossos militares, capitão que fôra de lanceiros, mas que por desgraça legára apenas, mor-

rendo, trezentos mil réis de divida e uma espada enferrujada. Quanto á divida, creio que a metteram no mesmo caixão do defuncto, como reconhecidamente cadaver; a espada, essa foi guardada devotamente,

«Como custodia em sacrario,
Como imagem sobre altar.»

Com o correr dos tempos, e algumas eventualidades de fortuna, a familia do capitão foi tomando o folego mais largo. Como vimos, no anno de 1855 tinha ido passar o verão para a Ameixieira.

Isto de visinhança no campo é a colhér de mel ao pé da mosca. Basta um momento para firmar a convivencia. Hoje observam-se, ámanhã indagam, depois comprimentam-se com um sorriso, no outro dia passeiam juntos, alargando os cóses á tagarellice, doença esta de que todos nós padecemos mais ou menos, desde Eva para cá.

Deu-se o caso com a familia Calveiros e a do capitão.

Pela fresca da tarde saia a viuva a passeiar com a filha, a menina Theresinha, e não tardava que o nosso Pedro lhes fosse na piugada, para andar, pouco depois, atrelado á respeitavel matrona, na mais seraphica de todas as semsaborias.

Theresa contava vinte e dois annos. Se não era bella, no sentido esthetico da palavra, tinha, comtudo, um não sei quê de attractivo, de fascinador, de indizivel encanto. Olhos negros e rasgados, cabellos fartos, boca risonha, a face com a suave pallidez do marmore, o seio tumido, cintura de vespa, mão pequena, e o mais bem torneado de todos os braços.

Eu dou por concluido o retrato; se ha porventura alguem que o tenha por imperfeito, procure em qualquer romance o que mais lhe convier, e tome-o como de Theresinha.

Os passeios repetidos, a affabilidade attenciosa do mancebo, os rumores que vogavam ácerca dos grandes haveres do pae, e, sobre tudo, aquella liberdade simples, ampla, liberdade livre, que os ares do campo ateiam, por assim dizer, em todos, tudo isto desvanecêra a monotonia insipida das palestras da tarde, dando-lhes uma certa alacridade jovial, uma certa animação distractiva, um certo desenfado gracioso — *humour*, diria no meu caso Thackeray.

A mãe de Theresinha é que ia perdendo pouco a pouco a sua realeza primitiva. As attenções de Pedro, as nimias delicadezas, os ditinhos, os sorrisos, tudo era então para a filha. Não que a respeitavel senhora tivesse nutrido a minima idéa affrontosa para as cinzas do capitão; mas, com certeza, feria-se na sua vaidade mulheril, e media toda a profundeza do abysmo que cincoenta invernos lhe haviam cavado em torno, ou, para me expressar em linguagem que se entenda, media a profundeza das rugas que os cincoenta annos lhe haviam cavado nas faces.

Oh! a vaidade feminil é a peior de todas as vaidades! A belleza é para a mulher o sonho doirado, a illusão ridente, o filho querido da sua imaginação. Extasiae-vos diante d'aquella senhora que passa; gabae-lhe a formosura, embora duvidosa; o olhar, embora trivial; o porte, embora desengraçado; chamae-lhe bella, em fim — ahi tendes o sorriso do anjo: censurae-lhe a menor incorrecção de perfil; notae-lhe a mais leve mácula na epiderme; achae-lhe o pé espalmado, a cabeça desairosa, o corpo sem elegancia; chamae-lhe feia; em todo o caso — ahi tendes a garra da panthera.

Páris e o monte Ida dão testimunho de sobra.

Ora isto que eu estabeleço como regra provada, e que as leitoras devem achar de uma intuição axiomatica, foi talvez, em parte, para Pedro dos Calveiros motivo de dissabores futuros.

Já por mais de uma vez, em conversação intima com a filha, a viuva tinha insistido nas inconveniencias do casamento com rapazes, embora filhos de homens abastados. Entrincheirava-se principalmente no proverbio «*quem conta com sapatos de defuncto...*» e despedia d'ahi as settas mais ervadas, settas que a boa da Theresinha percebia que iam direitas a Pedro.

Se a mãe fosse mulher de letras, dir-se-hia que tinha estudado as subtilezas da Frosine de Molière; mas, segundo nos consta, a bagagem litteraria da viuva reduzia-se a algumas paginas do *Lunario Perpetuo*.

— Tu pensas, dizia ella uma noite á filha, sorvendo voluptuosamente uma enorme pitada de meio-grosso, tu pensas que o teu namoro com Pedro ha de redundar em grande coisa? Bom futuro lhe não vejo eu, que tenho, por minha desgraça, experiencia d'estas coisas do mundo. Ainda se fosse o pae... esse sim, que é homem assente e de posses; mas o filho... boas barbas lhe déra maio!

Theresinha torcia-se contrariada, replicava, o dialogo assumia proporções gravissimas, palavras são como as cerejas; mas, no fim de tudo, a mãe interpunha a sua auctoridade, e a controversia finalisava de chofre.

No outro dia, quando era sol posto, saiam ambas ao passeio da tarifa; e Pedro, apesar da frieza sorumbatica que ia descobrindo na viuva, continuava a acompanhal-as como até alli, fazendo, como se costuma dizer, a vista grossa.

Uma vez, de relance, e com um tom de voz mysterioso, Theresinha disse ao mancebo que precisava fallar-lhe. A hora indicada era ás onze da noite; o sitio, a azinhaga para que dizia a janella do seu quarto.

Pedro sobresaltou-se. Boa coisa, de certo, não lhe adivinhava o coração.

Era a primeira vez que poderia fallar á sua amada áquella hora, n'aquelle logar e sem testimunhas. Outro qualquer estremeceria de felicidade; elle, porém, pensando na sequidão da viuva, e no modo singular com que a entrevista lhe fôra marcada, tremia... por quê, nem elle mesmo poderia dizel-o; tremia vagamente pelo seu amor e pelo seu futuro.

Ás onze horas em ponto Pedro estava na azinhaga. Minutos depois abria-se uma janella ao rez do chão, e uma voz trémula, mas sonorosa, balbuciava «Pedro.»

Era Theresinha.

Isto passava-se em agosto. A lua reinava esplendida, inundando de serena claridade toda a extensão dos campos; as arvores rumorejavam brandamente, a viração tepida e embalsamada suspirava, como um beijo, por entre as roseiras dos vallados. Ao longe sentia-se o ranger tetrico da nora; sobre os olmeiros visinhos o rouxinol soltava a espaços os seus trilos deliciosos.

A solidão povoava-se da poesia da noite.

— Pedro, meu Pedro, mal sabes a que vieste. Uma desgraça horrivel, oh! a maior de todas vae succeder-nos em breve. Não sei como t'o diga... não posso... mas tu bem vês como eu choro, Pedro.

— Mas, por Deus, conta-me, explica-me, o que houve?... tua mãe!...

— Sim, minha mãe quer que eu te deixe, que eu te esqueça para sempre, que eu...

— Por quê? Não sabe ella como eu te amo? Pensará acaso que este amor é um capricho, uma distracção de alguns dias? Oh! dize-lhe, dize-lhe tudo... eu lh'o direi, eu mesmo... hoje, sim, hoje; mas não me falles em deixar-te, que me espedaças o coração, filha.

A lua batia então de chapa sobre os dois amantes.

Tinham as mãos entrelaçadas, os peitos offegantes, e os olhares fitos, cravados, absortos em mutua contemplação, devorando-se um ao outro, perdidos n'aquelle abysmo de indefinito mysterio que se chama extase — o enlêvo de duas almas que sobem a Deus na mesma aspiração suprema.

Oh! quem poderia quebrar-lhes aquelle mystico arrebatamento? Quem viria precipital-os d'aquelle ceo aberto e radioso nas profundezas da realidade mundana e excruciante? Por que não morreram então? como pergunta Byron. Tinham vivido seculos n'aquelle momento; as horas por vir só lhes poderiam trazer desesperos e angustias.

Acalmado o transporte, Theresinha, com a voz cortada de soluços, disse finalmente ao mancebo:

— Ouve, Pedro; revelar-te-hei tudo; o segredo é impossivel. Teu pae... não estremeças, escuta; teu pae veiu hontem a nossa casa. Pasmei da visita, mas não me sobresaltei com ella. Estava tão longe de tudo! Pediu a minha mãe para lhe fallar confidencialmente; horas depois saíu. Ao despedir-se apertou-me muito e muito a mão, e olhou-me de modo que eu... senti córarem-se-me as faces, apesar d'elle ser teu pae. Não chores, Pedro; a Providencia não nos ha de desamparar. Hoje minha mãe disse-me: «Theresa, o sr. Calveiros veiu hontem pedir-me a tua mão. Admiras-te? Pensas talvez que deveria galantear-te como o filho? Enganas-te. Conhece-te, sympathisou comtigo, julga-te capaz de seres sua mulher, e veiu perguntar-me o que eu pensava. Nada mais natural; annui promptamente. Elle é um homem de bem, e de immensos teres; convem-te como nenhum outro.» Depois accrescentou: «Quanto a Pedro, não digo que seja mau rapaz; estou mesmo que possue grandes qualidades; mas por em quanto nada tem de seu, nada póde, e muito menos agora, que não deve esperar do pae consentimento nem protecção alguma. É preciso que ponhas termo a essas criancices.»

— E tu pensas...

— Eu penso em te amar sempre, meu Pedro; mas o que me afflige, o que me atormenta, é a idéa que teu pae, teu pae se ha de oppor a tudo, irritar-se comtigo, repellir-te... Não comprehendes, Pedro, o que ha de horroroso em tudo isto?

— Sim, comprehendo, balbuciou elle lentamente, como quem principiava a coordenar os pensamentos; sim, comprehendo. Acordei agora do lethargo horrivel, e sinto despenhar-me na voragem. É impossivel, diz-m'o a consciencia, é impossivel superar este obstaculo. Olha, Theresa, a lua que além se esconde por detraz d'aquellas montanhas é a imagem da minha existencia. Ha poucas horas brilhante, risonha, cheia de esplendores, cercada de uma auréola divina; agora triste, triste, perdendo-se na escuridão cerrada. Sabes tu o que ha de mais infernal no mundo? É a viuvez do coração. É tel-o sentido bater contra outro, viver dentro de outro; é tel-o costumado a esta união celeste, a este consorcio mysterioso; é tel-o deixado phantasiar o mais encantador de todos os futuros, para um dia lhe dizer: esquece-te ou morre. E o coração não se esquece, porque a saudade é o ultimo sentimento que expira em nós. Sim, Theresa; agora é que eu comprehendo o que ha de horroroso em tudo isto!

As lagrimas corríam em bagas pelas faces dos infelizes, os labios tremiam-lhes convulsamente, a respiração era oppressa, o estremecimento nervoso. Devia de ser medonha a lucta d'aquelles dois espiritos.

— Adeus, Theresa, murmurou finalmente Pedro, mas em voz tão sumida como a de um moribundo; adeus!

— Vaes-te?... mas dize, dize, o que deverei fazer?

— Dir-t'o-hei ámanhã; descança em mim.

Depois ouviu-se um longo e interminavel *adeus* cortado de suspiros, e em seguida os passos de Pedro, que atravessava a azinhaga.

O pobre moço achava-se, pois, na posição terribilissima de Cleanto: Arpagon enamorára-se de Marianna. O dia que se seguiu a este colloquio lamentoso foi para os dois amantes o mais cruel de todos os dias. Era necessario resolver de prompto alguma coisa. Como? Ahi batia a difficuldade.

Pela sua parte, Pedro pensava em confessar ao pae todo o seu amor, dissuadil-o do proposito de esposar Theresinha, mostrar-lhe o horror da existencia que o aguardava, se porventura tivesse de abandonar para sempre as suas esperanças futuras.

Mas como receberia o pae esta confidencia? Teria a abnegação precisa para sacrificar os seus desejos á felicidade de seu filho? Era por isto que Pedro vacillava. Conhecia demasiadamente aquelle caracter para o julgar capaz do minimo sacrificio. Oh! mas era horroroso, mil vezes horroroso o pensamento de que seu pae, elle mesmo, havia de dissipar, desfazer, annullar os sonhos queridos da sua imaginação. Se fosse outro, embora; — o sangue não se angustiaria com isso; mas o pae... como esta palavra lhe queimava os labios, como esta idéa lhe dilacerava o coração!

N'essa tarde, em vez de sair como costumava, Pedro ficou recolhido no seu quarto. Tinha-se, em fim, revestido de coragem; queria disputar a mão de Theresinha. A lucta era desegual; o pequenino David via-se a braços com Goliath. Secundal-o-hia o esforço divino? Quem sabe!

Fluctuava-lhe no espirito um turbilhão de idéas; a momentos, a esperança levantava-se-lhe do intimo d'alma, os anjos povoavam-lhe de novo o universo que elle phantasiára; de lá sorria-lhe a bemaventurança. De repente evaporava-se-lhe tudo; abria-se-lhe ante os olhos um inferno de atribulações malditas. O futuro, com todo o seu lugubre cortejo de angustias e de saudades, erguia-se de pé, phantastico e terrivel, desenrolando o seu enorme sudario. Theresinha reclinava a fronte no hombro de seu pae, elle afagava-a, depunha-lhe um beijo na face; depois... depois, uma nuvem de sangue toldava os olhos do desgraçado, e elle não via, oh! não podia ver mais nada!

Passou assim duas horas; ao cabo d'ellas levantou-se e dirigiu-se ao aposento de seu pae.

Ia livido; os olhos, torvos e desgarrados, espraiavam-se-lhe vagamente em roda, como os de um louco; os cabellos ondeavam-lhe em desalinho; o passo era incerto, a respiração alterosa; sentiam-se-lhe os latejos do coração. Que admira? Tinha-lhe bastado um momento para devorar tudo o que ha de amargo na existencia, e para afogar o intimo peito nas lagrimas silenciosas do desalento. Que mais lhe poderia travar ainda nos labios? Caminhou. A coragem vinha-lhe da desgraça; os infelizes não temem.

(Continua) E. A. Vidal.

BANHOS DAS TAIPAS

O nosso paiz, graças á Providencia, está finalmente entrado em via de progresso. Podêmos responder triumphantemente aos mais incredulos pessimistas, apontando para importantissimos melhoramentos feitos n'estes ultimos doze annos, e taes que promettem com segurança, em proximo futuro, uma transformação completa e feliz em todas as condições da nossa vida social.

Todavia, ainda ha ramos do serviço publico que revelam o triste estado de incuria e desleixo a que nos levaram uma longa cadeia de infortunios, e as consequencias inevitaveis das luctas da liberdade. Os banhos thermaes que se vêem por todo o reino, exceptuando apenas os das Caldas da Rainha, dão solemne testimunho não só do nosso atrazo, mas tambem, e ainda peior, da reluctancia com que vamos marchando no caminho trilhado pelas nações mais adiantadas.

Hoje que em toda a Europa se cuida desveladamente do aproveitamento das aguas mineraes, erigindo-se n'esses logares esplendidos estabelecimentos, onde se encontra todo o genero de commodidades; hoje que se attendem e apreciam esses mananciaes como verdadeira

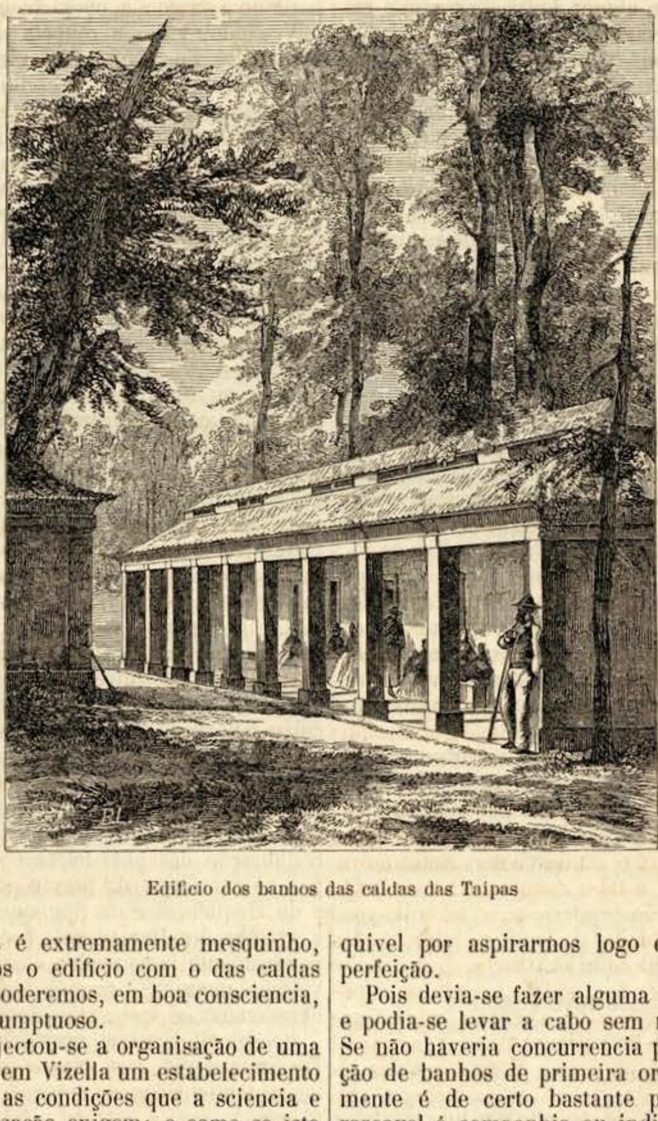
riqueza que é, não sómente pelo interesse da saude publica, mas tambem como elemento de prosperidade para as povoações que tem a fortuna de os possuir no seu seio, ou junto de seus muros; que idéa farão de nós os estrangeiros que visitarem os banhos das caldas das Taipas, de Vizella, do Gerez e tantos outros com que a natureza prodigamente nos dotou?

É incrivel, realmente, que em um paiz, onde já se tem gastado tantos milhares de contos de réis em estradas e caminhos de ferro, estejam ainda perdidas e quasi inuteis tantas diversidades de fontes medicinaes, e em tal estado de abandono ou desalinho os proprios banhos thermaes que attrahem maior concurrencia.

Faz pena, e deve-nos causar vergonha, ver as excellentes caldas do Gerez quasi nas mesmas circumstancias em que a rainha D. Leonor encontrou, no seculo XV, indo de passagem, os banhos thermaes, que, depois de beneficiados por esta soberana, receberam o nome de Caldas da Rainha.

É uma lastima ver os banhos das caldas de Vizella, tão preciosos por se achar n'elles toda a variedade de temperatura desde a agua tepida até á quasi fervente, mettidos em pobres e estreitos casebres, espalhados no valle e no recosto do monte, sem especie alguma de commodidade para os enfermos, sem o necessario resguardo contra os rigores do tempo, e até sem o aceio indispensavel.

E que diremos das caldas das Taipas? O seu estabelecimento de banhos é extremamente mesquinho, porém, se compararmos o edificio com o das caldas do Gerez e de Vizella, poderemos, em boa consciencia, dar-lhe o epitheto de sumptuoso.



Edificio dos banhos das caldas das Taipas

Haverá um anno projectou-se a organisação de uma companhia para fundar em Vizella um estabelecimento de banhos, com todas as condições que a sciencia e os progressos da civilisação exigem; e como se isto fosse ainda pequena empreza, pertendia-se commetter á mesma companhia o encargo de transformar aquella modesta povoaçãozinha em uma esplendida estação de banhos, com bellos passeios ajardinados, com boas hospedarias e casas de divertimentos publicos, como se vê em França, na Allemanha, e em outras nações que marcham na vanguarda da civilisação.

Ninguem deixará, certamente, de applaudir a lembrança e de sympathisar com a idéa; porém o commettimento é tão grande, e o nosso estado ainda tão incapaz de corresponder aos sacrificios de similhante empreza com a recompensa que todo o esforço requer, que ficaremos sem o maximo melhoramento por impraticavel, ou muito difficil; e sem o beneficio exequivel por aspirarmos logo e unicamente á summa perfeição.

Pois devia-se fazer alguma coisa, embora modesta; e podia-se levar a cabo sem mui avultado dispendio. Se não haveria concurrencia para sustentar uma estação de banhos de primeira ordem, a que ha annualmente é de certo bastante para offerecer um lucro razoavel á companhia ou individuo que fundasse nas caldas de Vizella e das Taipas um estabelecimento de banhos, sem luxo, mas ricos de aceio e commodidades. A situação das duas caldas é de per si tão formosa, que pouco dinheiro e pouca arte são precisos para fazer verdadeiramente encantadores aquelles logares.

A aldeia de Santo Antonio das Taipas, ou Caldelas, nome por que tambem é conhecida, está situada entre Braga e Guimarães, junto ás margens do rio Ave. Edificada de um e outro lado da estrada que une aquellas duas cidades, acha-se por tal modo toldada pela cópa frondosa do arvoredo secular que assombra, não sómente a povoação, mas tambem as suas visinhanças, que está perfeitamente occulta debaixo d'aquelle manto

de verdura. Quem procurar descobril-a das eminencias que a dominam, nada mais vê que um bosque espesso de carvalhos e castanheiros, cobrindo planicies e collinas até vir espelhar-se nas purissimas aguas do Ave.

Este rio offerece os mais variados aspectos em todo o seu curso através da bella provincia do Minho. Ora se precipita de rocha em rocha, e entre volumosos penedos que lhe apertam a corrente e lhe debruam as margens ermas de arvoredo; ora corre mansamente em amplo álveo, á sombra de arvores annosas, e pelo meio de prados sempre verdejantes. Ao passar pelas caldas das Taipas banha a mais linda e amena paizagem que os olhos podem appetecer para enlêvo da alma. Fazem cercadura aos campos longas fileiras de carvalhos e castanheiros engrinaldados de vides. Orlam o rio não simples renques de arvores, mas sim densas florestas, que em alguns logares cruzam a ramagem com a do arvoredo d'além. Vestem-se as margens de tanta diversidade de plantas mimosas, que parecem formar um longo tapete, onde o artifice empenhou o seu talento, compondo um quadro bem combinado de todos os verdores que a natureza cria. Do meio d'esta rica vegetação sobresaem mui lindas especies de *lichens*, simílhando velludo; *fetos* e outras plantas cryptogamicas recortadas como brincadas rendas; a *digitalis*, de porte garboso, folhagem pomposa, e bellas flores purpurinas; as *violetas* que, apesar de se esconderem modestas por entre as gramineas, denunciam-se pelo suave aroma de suas flores; o *lupulo*, a *hera*, diversos *convolvos* e outras muitas plantas trepadeiras, que se enlaçam com as arvores, pendendo-lhes dos ramos em graciosos festões até virem beijar a corrente fugitiva. E o Ave, enchendo todo o seu leito, até na estação calmosa, com tão grosso volume de agua, que consentiria grandes barcos se os açudes, de longe em longe, lhes não vedassem a passagem; o Ave, onde se retrata toda essa paizagem tão ridente, e de continuo animada pelas melodias de innumeraveis passaros multicores, que povoam aquelles bosques, pelas cantigas dos camponezes que cultivam os prados visinhos; o Ave tão pittoresco, tão poetico, tão formoso, ora corre placidamente e com magestade, como quem se ensoberbece da sua formosura; ora se debruça, saltando arrogante e espumoso sobre as muralhas dos açudes.

E no meio de todas essas bellezas naturaes ergue-se, obra dos homens, o pobre e mesquinho edificio dos banhos thermaes, tal qual se vê em a nossa gravura, copiada de uma photographia!

I. de Vilhena Barbosa.

CANDIDO LUSITANO

(PADRE FRANCISCO JOSÉ FREIRE)

(Vid. pag. 241)

III

Determinado a refugiar-se no encerro do claustro, como em porto seguro contra as alternativas mais ou menos tempestuosas da vida mundana, Freire escolheu de preferencia para seu abrigo a congregação do Oratorio de S. Filippe Nery, por mais conforme á sua indole e habitos estudiosos.

Entre tantos e tão variados institutos religiosos que em Portugal existiam, admittidos e nacionalisados em diversos tempos pela piedade de nossos antepassados, aquella corporação tornára-se duplamente respeitavel pela gravidade e compostura de seus membros, e por sua fervorosa applicação ás sciencias e letras. Regular até certo ponto, estava, comtudo, mui longe de dizer-se monastica na verdadeira e rigorosa accepção do termo; pois que nem requeria votos solemnes, nem impunha obrigações perpetuas. Era livre pelos estatutos aos que n'ella entravam despedir-se a todo o momento, para voltarem á classe de sacerdotes seculares, quando assim lhes aprazia. Não haviam mister para isso outra formalidade que a de deixar pendurada no respectivo cubiculo (nome que davam aos seus aposentos) a roupeta que os distinguia dos simples clerigos. Transplantada para Lisboa em 1668 pelas efficazes diligencias do virtuoso açoriano padre Bartholomeu do Quental, estendendo-se depois ao Porto, Braga e a outras terras do reino, onde chegou a contar sete casas, a congregação do Oratorio veiu a ser em 1834 envolvida na proscripção geral das ordens religiosas, deixando de si illustre memoria, e nos trabalhos de seus benemeritos filhos materia para honrosa commemoração em diversos capitulos, aos que se propozerem escrever a nossa historia litteraria.

Vestindo, pois, a roupeta dos congregados em 23 de janeiro de 1752 (data verificada por documento authentico que temos presente), Freire largou o seu appellido de familia para ser d'ahi em diante conhecido e tratado simplesmente pelo nome de padre Francisco José. Como demonstração de humildade, consignada em regra inalteravel nos estatutos, e a exemplo de outras corporações religiosas, a congregação não consentia que seus filhos ajuntassem ao nome proprio do baptismo mais que um só sobrenome ou appellido.

Entrára elle por este tempo no seu trigesimo terceiro anno. De qualquer natureza ou gravidade que fossem os dissabores ou desgostos, que parece haverem incitado a sua vocação claustral, afigura-se-nos que passára ao novo estado resoluto a pôr termo a qualquer publicação litteraria; não querendo sequer dar á luz o *Mundano enganado e desenganado*, que como preludio de sua mudança de vida e entrada na congregação escrevêra em 1751 em dois volumes, e cujo original se conserva ainda agora inédito na bibliotheca eborense. E esse proposito, se o foi, subsistiu n'elle por cinco ou seis annos, durante os quaes não imprimiu coisa alguma; com quanto seja custoso de crer que a provada actividade do seu espirito se conservasse ociosa em tão largo periodo.

Organisava-se entretanto no anno de 1756, pelos esforços reunidos de Antonio Diniz da Cruz, Manuel Nicolau Esteves Negrão e Theotonio Gomes de Carvalho (mancebos estudiosos, que de pouco tempo tinham terminado em Coimbra o curso juridico), a celebre associação litteraria que, sob a denominação de *Arcadia Ulyssiponense*, tanto e tão poderosamente concorreu para a restauração das boas-letras em Portugal, abrangendo não só a reforma da poesia portugueza, mas tambem a da eloquencia e da linguagem patria [1]. Por convite e escolha dos fundadores, a ella se aggregaram successivamente (approvados em escrutinio secreto e por votação unanime), *se não todos*, a melhor parte dos bons engenhos que então floreciam na corte [2].

Foi-nos impossivel averiguar se haveria da parte dos fundadores para com o padre Francisco José relações anticipadas de amizade ou trato pessoal, que determinassem a sua admissão; ou se esta proveiu simplesmente do bom credito e reputação que lhe teriam grangeado suas producções anteriores. O que

[1] Veja-se a *Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa*, por F. M. Trigoso, inserta nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, t. VI, p. II, pag. 57 e seguintes. Os estatutos d'esta sociedade (elaborados por Diniz, e publicados na sua integra no cabo de sessenta e quatro annos) podem ler-se no *Jornal de Coimbra*, n. LXXXVIII, p. II, de pag. 131 a 146, comprehendendo um proemio e vinte capitulos. Datam elles de 23 de setembro de 1756, posto que a Arcadia só viesse a constituir-se definitivamente, celebrando a sua primeira conferencia publica, em 19 de julho do anno seguinte.

[2] O commentario a este passo seria longo, e por agora alheio do nosso intento. Cabe-lhe mais proprio logar em um estudo historico-litterario de maior folego, que emprehendemos acerca do insigne Francisco Manuel do Nascimento, superior no conceito dos entendidos a todos os poetas seus contemporaneos; trabalho que ainda virá á luz, se as circumstancias nos permittirem tiral-o um dia dos borrões em que se acha.

não padece dúvida é que elle, Garção e Quita foram dos primeiros a serem inscriptos no catalogo dos socios, e que a sua entrada trouxe á Arcadia um collega illustrado e laborioso, não menos que um amigo sincero e prestadio. O nome de «Candido Lusitano», com que saíram d'ahi em diante rubricados todos os seus escriptos, e que tão bem quadrava á candura de sua alma e á singeleza da sua indole, não fôra, porém, tomado no baptismo poetico da Arcadia, como a vulgar opinião irreflectidamente suppõe: com esse pseudonymo havia elle já publicado annos antes (no de 1751) o opusculo que dera á luz sob o titulo de *Illustração critica á Carta de um Philologo de Hespanha*, em que levára sua modestia e sinceridade ao ponto de censurar em si proprio as agudezas, e outras puerilidades e brincos do estilo, com que, em annos precoces, uma ou outra vez nos seus escriptos pagára tributo ao gosto estragado do tempo.

Empenhando-se devéras em que os trabalhos da Arcadia correspondessem dignamente ao programma da sua creação, Freire tomou n'elles parte constante e activissima, dedicando-lhes todo o cabedal e forças da propria intelligencia. As vicissitudes por que passou aquella associação, produzidas, além de outras causas, pelo espirito de rivalidade e pelas divergencias que para logo se manifestaram entre alguns socios, não foram capazes de abalar a perseverança de Freire, nem obstaram a que o seu caracter deixasse de ser de todos bemquisto, e geralmente respeitado. O proprio Garção, que alguns taxavam de espirito caustico e critico caprichoso, sempre disposto para a censura, e prompto a excogitar defeitos nas composições alheias, conservou inalteravelmente para com elle os sentimentos da mais firme e sympathica amizade. O mesmo se póde dizer de Quita, Figueiredo, Pedegache e outros, que em suas obras nos deixaram claro testimunho da estimação em que o tinham.

Com razão duvidar-se-hia, ou talvez parecêra incrivel, se não estivessem patentes as provas, e ao alcance de todos, que o periodo de dezeseis annos que Freire sobreviveu á inauguração da Arcadia, fosse sufficiente para a concepção, elaboração e aperfeiçoamento de tal multiplicidade de escriptos, como os que n'este intervallo saíram de sua fecunda penna. Não querendo tornar este artigo mais prolixo com a enumeração de todos, contentar-nos-hemos de fazer a indicação ou resenha succinta sequer dos mais notaveis.

Para melhor fundamentar e corroborar as doutrinas que expendêra na sua *Arte poetica*, traduziu e deu á luz em 1758 a epistola de Horacio, que corre com aquelle titulo, acompanhada de amplissimas illustrações e eruditos commentarios.

Alguns criticos modernos accusam esta versão de prosaica e despida da vivacidade, brilho e mais qualidades que caracterisam o estilo do Venusino; porém esses mesmos concordam em que as annotações e commentarios são ainda hoje instructivos e dignos de se lerem [1].

No mesmo anno publicava tambem a *Vida do infante D. Henrique*, recommendavel pelo estilo, e que logrou por muitos annos credito e acceitação, não só entre os nacionaes, mas entre os estrangeiros; do que é prova haver sido traduzida na lingua franceza, e impressa em 1781. É certo que ultimamente perdeu muito da sua antiga importancia, depois que se descobriu e publicou a *Chronica da conquista de Guiné*, por Azurara, que o padre Freire mostra não ter conhecido.

Não devem ficar em esquecimento as *Maximas sobre a Arte Oratoria*, impressas em 1759, o *Diccionario Poetico*, que viu a luz em 1765, e obteve duas reimpressões (1794 e 1820); a traducção da *Athalia*, de Racine, dada pela primeira vez em 1762, tambem reimpressa em 1783, e não sabemos se ainda posteriormente; e o *Mentor de Philandro* e *Arte Historica*, publicados posthumos em Coimbra em 1826, cujo original autographo, no estado de correcção e aperfeiçoamento a que o levaram os ultimos cuidados do auctor, conservâmos em nosso poder. Finalmente, as *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, que, permanecendo inéditas por mais de setenta annos, vieram a publicar-se no de 1842, a expensas da sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, e já correm em segunda edição.

Até aqui as obras impressas. Digâmos agora alguma coisa com respeito ás que ainda não lograram o beneficio do prelo.

Freire esmerou-se quanto pôde em traduzir e interpretar os mais insignes poetas, tanto antigos como modernos, conscio de que fazia em divulgal-os bom serviço aos seus contemporaneos. Assentava firmemente que, embebidos na doutrina e estilo de taes mestres, poderiam com maior facilidade soltar os vôos á propria imaginação, tendo sempre em vista tão bons exemplares.

D'aqui resultaram as versões completas que emprehendeu e concluiu da *Eneida* e mais obras de Virgilio, e das *Satyras* e *Epistolas* de Horacio; das *Metamorphoses* e dos livros do *Ponto* e *Tristes* de Ovidio; do *Parto da Virgem* de Sannazaro; da *Merope* de Maffei; dos *Edipos* de Sophocles e Seneca; da *Medéa*, *Hecuba*, *Phenicias*, *Hercules furioso e Iphigenia* de Euripedes; e as *Paraphrases dos canticos e psalmos da Sagrada Escriptura*; quasi todas precedidas ou acompanhadas de eruditas dissertações e notas instructivas, destinadas ao esclarecimento dos textos nos pontos difficultosos, e a chamar a attenção dos leitores, quer para as bellezas que lhes cumpre imitar, quer para os defeitos de que convém fugir.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O FOGO

(Vid. pag. 239)

XI

ESPECTROS DAS LUZES ARTIFICIAES

As luzes artificiaes tambem apresentam espectros quando, por exemplo, passam através de um prisma de vidro; as côres dos espectros das luzes artificiaes não differem das do espectro solar, e acham-se na mesma ordem; mas em geral faltam algumas, e a sua intensidade relativa tambem geralmente é diversa.

A côr que predomina na chamma de uma luz artificial é geralmente tambem a que predomina no espectro; assim, as chammas verdes, encarnadas, roxas, etc., apresentam pela decomposição, passando através de prismas de vidro, espectros cuja côr dominante é o verde, o encarnado, o roxo, etc.

As chammas das luzes artificiaes não mostram raias obscuras nos seus espectros. A luz electrica, em logar de raias obscuras, apresenta no seu espectro um grande numero de raias muito brilhantes.

Quando nas chammas das luzes artificiaes existem vapores metallicos, ainda que seja em quantidade muito diminuta, os espectros apresentam raias de diversas côres que dependem da natureza do metal interposto. Assim, a presença de uma minima porção de sodio na chamma da lampada de Bunsen, de que já fallámos a pag. 168, faz apparecer no espectro uma raia amarella muito brilhante no logar da raia *D* de Fraünhofer.

O potassio dá no espectro da chamma uma raia

[1] Não será inutil observar, que das nove traducções em verso e tres em prosa, que possuimos impressas da epistola horaciana (sem contar as manuscriptas, e os antigos commentos, ou *Paes-velhos*), a de Candido foi a primeira que appareceu em portuguez.

brilhante no extremo encarnado, e outra no extremo roxo.

O ferro dá mais de 60 raias brilhantes correspondentes ás raias obscuras do espectro solar.

O calcio dá uma bella raia verde acompanhada de outras mais fracas no amarello e laranja.

O cæsio, metal recentemente descoberto, dá duas bellas raias azues.

O rubidio dá duas raias encarnadas.

O thallio dá uma bella e unica raia verde.

O indio dá uma raia côr de anil.

A quantidade de metal necessaria para produzir as raias caracteristicas nos espectros das chammas é, na realidade, pequenissima; assim, a terça parte de uma millionesima de um milligramma de sodio, é sufficiente para fazer apparecer a raia amarella caracteristica no espectro da chamma de uma luz artificial. Esta extrema sensibilidade do espectro das chammas para a acção do sodio, explica como esta substancia sempre se nos revela em toda a parte. A grande quantidade de chloreto de sodio, o sal commum das nossas cozinhas, que se acha nas aguas dos mares, dá origem a pequenas particulas levadas pelas correntes de ar que varrem o Oceano, e que, imperceptiveis ás reacções da chimica, revelam, porém, a sua presença nas chammas pela raia amarella dos seus espectros. A presença d'estas dóses infinitesimas é ainda revelada pelos raios do sol.

Isto nos faz lembrar a balada allemã, que conta a historia de um assassino, a quem a sua victima prediz que o sol revelará o crime:

Die Sonne bringt es an den Tag!

O sodio está de tal modo espalhado na atmosphera, que basta sacudir, por exemplo, um livro coberto de pó n'algum canto de uma bibliotheca, a uma certa distancia de uma chamma de gaz, para ver brilhar a raia amarella caracteristica.

É sobre a importante propriedade que possuem os metaes de darem raias caracteristicas nos espectros das chammas que se funda a *analyse espectral*, permittindo descobrir a presença dos corpos nas mais infimas proporções que nenhuma analyse chimica podia revelar. Foram os celebres chimicos de Heidelberg, Bunsen e Kirchoff, que fizeram conhecer esta importante applicação. O instrumento que serve para fazer estas observações tem o nome de *espectroscopo*.

São já quatro os metaes descobertos por este methodo: o cæsio, o rubidio, o thallio e o indio.

Com a luz electrica podem-se observar muito bem as raias caracteristicas que dão os metaes ao espectro; para isso, no carvão inferior (que deve ter a fórma de um cóne ôco) colloca-se um fragmento de metal; aproximando-se o carvão superior, suppostos os carvões em communicação com os electrodos da pilha, a corrente electrica faz volatilisar o metal; e fazendo atravessar a luz por uma lente convergente de vidro, e depois por um prisma, obteremos um espectro que, sendo projectado sobre um alvo, nos mostrará as raias caracteristicas do metal empregado.

XII

O CALORICO E A LUZ SÃO MOVIMENTOS

Brilhante o astro do dia,
Seguia o curso ardente,
Jorrando nas encostas
A luz como em torrente,
Por ceo de anil vibrando
Os raios inflammados!

Mendes Leal.

Amigo leitor, desculpae os termos scientificos de que sou obrigado a servir-me. Para facilmente obter leitores, e sobre tudo leitoras, deve um livro evitar cuidadosamente tudo o que respira ar scientifico: calculos, theorias, fórmulas e termos technicos. Não poderei abstrahir de todo este arsenal de sciencia; farei, porém, todas as diligencias por adoçar as suas asperezas.

Os introitos das sciencias em geral atemorisam a quem pela primeira vez tenta penetrar no seu seio; o que me faz lembrar os versos de Dante:

Ahi quanto a dir qual era è cosa dura
Questa selva selvaggia e aspra e forte
Che nel pensier rinnova la paura.

O accesso das sciencias é povoado de termos selvagens e em apparencia intrataveis, como os espectros que estavam assentados ao longo da estrada que conduzia ao inferno o Dante e seu divino guia; mas com alguma resolução esta ala de phantasmagorias innocentes é facilmente atravessada, e o espirito começa a familiarisar-se, e a comprehender alguns dos mysterios que nos cercam e que poucos vêem; são como esphynges que é preciso interrogar para que fallem. Só certos espiritos privilegiados tem a faculdade de captivarem o publico alheio ás sciencias, e de o deleitarem instruindo; assim, aconselhâmos ao leitor que tiver tido a felicidade de ler o bello livro de John Tyndall, *The heat considered as a mode of motion*, de passar em claro este nosso §; se, porém, este caso se não tiver dado, e tiver a benevolencia de o ler, consideraremos ter attingido o nosso fim se tal leitura despertar o desejo de ler o livro do sabio professor inglez.

Dissemos como por meio das acções mecanicas se desenvolvia calor, e como as acções chimicas se podiam em rigor considerar tambem acções mecanicas. Nas fricções, na compressão, nos choques, em geral em todas as acções mecanicas, ha movimento; ora nós vemos que, quando este movimento é destruido, apparece calor; é o que, por exemplo, succede quando uma bala de artilheria bate com grande velocidade sobre a couraça de um navio; o movimento da bala é grandemente diminuido; mas a parte da couraça que recebeu o choque apresenta uma grande elevação de temperatura. Os aerolithes, ou massas de ferro que caem através da atmosphera, movem-se com uma velocidade enorme, de modo que a fricção que soffrem da parte do ar torna-os incandescentes, e ao mesmo tempo a sua velocidade diminue. Quando se bate com um martello sobre uma massa de chumbo, o movimento do martello é destruido, mas a massa de chumbo aquece. Em todos estes casos o movimento, ou o trabalho mecanico, é transformado em calor.

Reciprocamente, o calor quando desapparece transforma-se em trabalho mecanico; assim, quando um corpo solido se derrete, as suas moleculas afastam-se, e para as afastar, para produzir o trabalho correspondente, desapparece uma certa porção de calor, vulgarmente denominado *calor latente*. O mesmo succede quando um liquido se vaporisa. Eis uma experiencia curiosa que põe em evidencia a transformação do calor em trabalho: tome-se um vaso metallico de paredes fortes, fechado e munido de torneira, e de um thermometro; deite-se-lhe agua e aqueça-se a 150°; e depois abra-se a torneira; veremos sair um jacto de vapor, onde impunemente podêmos mergulhar a mão; em logar de nos queimarmos, sentiremos uma sensação de fresco. É isto devido a que o vapor, tendo a tensão de 5 ou 6 atmospheras, isto é, 5 ou 6 vezes superior á pressão do ar atmospherico, apenas em contacto com o ar livre, dilata-se, e as suas moleculas afastam-se; mas para produzir o trabalho d'esta dilatação é destruida uma porção de calor, por isso elle esfria.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.